

PMS	CPM	CERIN
BIBLIOTECA		
Jornal	Vilume de Bahia	
Data	24.03.92	
Edição	Página	1
Assunto		
Habitação		

Habitação, matiz fora do tom num cenário de magia

Salvador. Cidade mística, cheia de contrastes e problemas, mas sempre envolvida em ritmo de festa. Para muitos, a cidade de todos os santos. Mas, para alguns, não passa da cidade de todos os pobres, caracterizada pelo marrom dos tijolos das casas construídas nos morros e encostas. De um lado, a arquitetura degradada e em ruína do Centro Histórico, própria do século XVII. De outro, os prédios de luxo que tomam

SALVADOR



443 ANOS

conta de áreas da cidade, como Candeal e Itaigara. Mas é por todos os lados, sem distinção, que se espalha a arquitetura moldada pelo desespero dos sem-teto, caracterizada por madeirites, papelões ou taipa. São as centenas de favelas que surgem desordenadamente, sem um controle dos órgãos responsáveis por programas habitacionais.

Mas a cara de Salvador não é muito diferente das grandes cidades brasileiras. Segundo o urbanista José Antônio Pinho, 43, doutor em Política Habitacional pela Universidade de Londres, Salvador é muito parecida com as outras, inclusive

São Paulo, que "também caiu na vala comum dos problemas sociais". Pinho avalia que o feio quadro habitacional da capital baiana, como das demais capitais, tem um fator primordial: a falta de uma política habitacional. Ou seja, as soluções técnicas e financeiras, na sua opinião, existem, mas falta a vontade política para colocá-las em prática. O secretário de Terras e Habitação do município, Geraldo Tavares, defende que a vontade pelo lado da prefeitura existe, mas falta algo mais sério: recursos para que os projetos possam ser desenvolvidos.

Responsável pelos programas habitacionais de Salvador, a Secretaria de Terras e Habitação (Setha) não tem nenhum programa em vista, exceto um projeto em desenvolvimento que prevê a construção de 400 unidades embriões em São Caetano, possivelmente com recursos da Caixa Econômica Federal. Talvez por isso o urbanista José Antônio Pinho fale com uma certa saudade do tempo em que o Banco Nacional de Habitação (BNH) ainda tinha algum direcionamento para financiamentos habitacionais — apesar de todas as distorções. Para ele, o problema está na falta de um enquadramento jurídico da questão de terras urbanas, que possibilita o ganho fácil do setor da construção civil. O resultado é o encarecimento da habitação. (VANDA AMORIM).

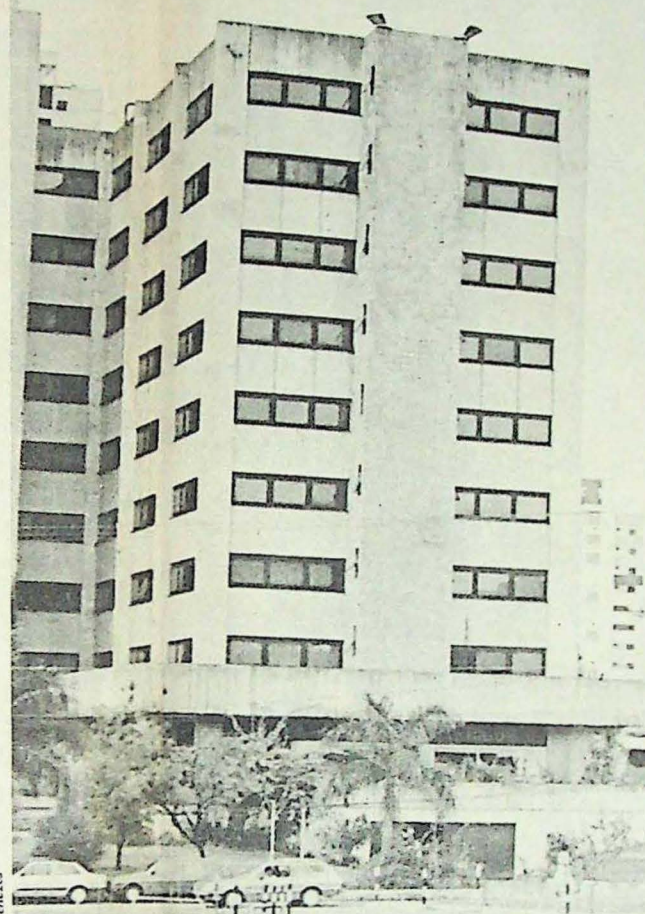
Falta de projetos estimula invasões

Além da falta de recursos anunciada, a prefeitura de Salvador enfrenta outro problema na questão habitacional: a falta de terras. As que tem são poucas, com o inconveniente de serem distantes do centro da cidade. Uma das áreas de que dispõe — Nova Constituinte, com cerca de 420 metros quadrados — requer infraestrutura. Há, inclusive, uma comissão na Setha fazendo um levantamento das terras do município, sem controle até então. Durante a administração do prefeito Fernando José, o programa habitacional desenvolvido foi o do Beiru, para onde foram transferidas 810 famílias que moravam em favelas como as de Bate-Faço e Cai Duro.

E é justamente pela falta de programas habitacionais — causados por falta de vontade política ou de recursos — que as favelas estão proliferando, ocupando todos os espaços vazios nas encostas das áreas mais próximas do centro. Só no Parque do Abaeté estão instaladas cinco invasões: Olho D'Água (450 barracos), Nova Brasília (130), Dunas (135), do Parques (160) e Castelhinho (160). As três últimas, na avaliação de Geraldo Tavares, são de mais fácil relocação, por seus barracos serem de madeirite. As outras duas — Olhos D'Água e Nova Brasília, entretanto, darão mais trabalho porque seus moradores construíram os barracos em alvenaria ou blocos de tijolos. Com essas, as negociações terão que ser mais estudadas, com possível indenização. (V.A.).



A pobreza dos barracos denuncia a crescente desigualdade social



Belos prédios mostram uma realidade vivida por uma pequena parcela da população.